



## A INCLUSÃO DO ESTUDANTE SURDO NO ENSINO SUPERIOR: O QUE DIZEM OS SURDOS?

Polliana Barboza da Silva<sup>1</sup>; Isabel Sanches<sup>2</sup>

(1) Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, [pollianabarboza@hotmail.com](mailto:pollianabarboza@hotmail.com)

(2) Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT [isabelrsanches@gmail.com](mailto:isabelrsanches@gmail.com) (orientadora)

**RESUMO:** A pessoa surda tem a compreensão do mundo por meio de experiências visuais-gestuais, tendo uma cultura e língua própria, a língua brasileira de sinais – LIBRAS, no caso do Brasil. Os Surdos são participantes de diversos contextos, constroem suas identidades na relação com o outro, e se comunicam por meio da língua de sinais, podendo utilizar a mediação de um intérprete de LIBRAS, para facilitar esse processo comunicativo. O objetivo da nossa pesquisa é compreender o processo de inclusão dos estudantes Surdos, no ensino superior, através das percepções destes estudantes, no curso de graduação em pedagogia. Esta investigação, quanto à abordagem se apresenta como qualitativa, pois nos aponta caminhos para o desenvolvimento de uma pesquisa mais próxima do cotidiano e das experiências dos sujeitos. Quanto à natureza se apresenta como exploratória, pois buscamos descrever os fenômenos da realidade encontrada, nos relatos dos estudantes Surdos sobre o processo de inclusão. Quanto à tipologia se apresenta como estudo de caso, pois se fez referência à análise de uma situação específica. O campo da pesquisa foi uma instituição de ensino superior privada, onde o foco foi o curso de graduação em pedagogia, por ter estudantes Surdos. A técnica utilizada foi a entrevista com os estudantes. Como resultados, verificou-se que a inclusão dos estudantes Surdos no ensino superior acontece, principalmente por meio da atuação do intérprete de LIBRAS, que medeia a comunicação. No entanto, existem muitas dificuldades a serem superadas, como a falta de comunicação entre professores e estudantes Surdos, a utilização de estratégias que favoreçam a aprendizagem dos estudantes Surdos e a formação de professores, especialmente na utilização da LIBRAS.

**Palavras-chave:** Ensino Superior, Estudante Surdo, Inclusão, LIBRAS.

### INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todas as pessoas, assim assegura os Direitos Humanos e a Constituição Federal Brasileira. Para tanto, Fávero (2011, p.18) apresenta que “a educação é um direito humano, fundamental e, portanto, deve ser colocado à disposição de todos os seres humanos”. Se a educação é um direito de todos, com as pessoas Surdas não é diferente. O processo de inclusão de Surdos<sup>3</sup>, no ensino superior, ainda é um desafio para professores e

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação (ULHT); Mestranda em Educação (UFPB); Graduada em Pedagogia (UFPB); Especialista em Atendimento Educacional Especializado (UFC); Professora do AEE; Supervisora da educação infantil e ensino fundamental.

<sup>2</sup> Professora Associada; Doutora (PHD) em Ciências da Educação (Société, Handicap et Inclusion), pela Universidade Lumière de Lyon 2 – France; Trabalho científico desenvolvido na área da Educação, Educação Especial e Educação Inclusiva, Formação de Professores e Investigação-acção. Diretora do Mestrado em Educação Especial. Investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED).

<sup>3</sup> O ‘S’ é para enfatizar o Surdo na concepção antropológica de surdez. Esta vê o Surdo como um ser de cultura, identidades e que tem língua própria, a língua de sinais.

professoras, pois existem vários entraves para que este processo aconteça. Os Surdos são pessoas que têm identidades (as identidades Surdas), cultura e língua própria (a língua de sinais). O que acontece nas instituições de ensino superior é que o processo educacional não é desenvolvido ou trabalhado para incluir as pessoas Surdas, pois nestas falta o reconhecimento da diferença e da cultura Surda. As metodologias, recursos e estratégias de ensino, na maioria das vezes, são direcionados aos ouvintes. Deste modo, fazer parte de uma Instituição de Ensino Superior (IES), onde a cultura ouvinte é o parâmetro, é um desafio para os estudantes Surdos.

Os Surdos são pessoas que constituem um grupo, tendo a cultura evidenciada, principalmente através da LIBRAS e suas experiências são visuais “isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e de todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual” (SKLIAR, 2013, p.28).

A inclusão se refere ao acesso e permanência dos estudantes nas instituições de ensino, buscando considerar as diferenças e promover a aprendizagem. Neste contexto, busca-se na inclusão dos estudantes Surdos a valorização de sua diferença e língua.

Alguns estudos, como o de Daroque (2011), confirmam que estes estudantes vêm enfrentando dificuldades dentro da Instituição de Ensino Superior, referentes à leitura e à escrita. Bisol (2010) ressalta que há a desvalorização da cultura surda e da Língua Brasileira de Sinais. Cruz (2007) discutiu as condições oferecidas para os estudantes Surdos no ensino superior, compreendendo a vivência universitária, conhecendo as experiências desses estudantes e as suas condições no nível superior e concluiu que as condições dos estudantes Surdos no ensino superior são de dificuldades, abandono, rejeição e impedimentos. A dificuldade maior é em a universidade ser organizada para ouvintes não havendo assim a contemplação da LIBRAS.

A presente pesquisa traz uma ótica de estudo, no que se refere à inclusão dos estudantes Surdos, no ensino superior, buscando compreender como acontece esse processo com os estudantes Surdos, dentro do curso de graduação em pedagogia, através das percepções desses estudantes.

Dentro deste contexto, levanta-se a seguinte questão: *como está a processar-se a inclusão dos estudantes Surdos, no curso de graduação em pedagogia, segundo os estudantes Surdos?*

Para dar sustento a essa questão de investigação, temos como objetivo geral:

compreender o processo de inclusão dos estudantes Surdos, no ensino superior, através das percepções desses estudantes, no curso de graduação em pedagogia. Especificamente, caminhamos na direção de identificar as percepções dos estudantes Surdos relativas ao seu processo de inclusão e a sua aquisição de saberes acadêmicos, no que diz respeito às facilidades, dificuldades e estratégias adotadas.

Neste sentido, as discussões presentes neste artigo buscam propiciar reflexões para uma educação de qualidade, mais precisamente para a inclusão de estudantes Surdos no ensino superior.

## **METODOLOGIA**

Este estudo é de caráter qualitativo, pois os métodos qualitativos nos apontam caminhos para o desenvolvimento de uma pesquisa que seja mais próxima do cotidiano e das experiências dos sujeitos. De acordo com Stake (2011, p.66) “a pesquisa qualitativa se baseia muito nas percepções interpretativas feitas durante todo o planejamento, a coleta de dados, a análise e a elaboração do texto do estudo”. Os dados são analisados de modo reflexivo, com base nas percepções dos participantes da pesquisa e interpretados em seguida.

A pesquisa de natureza descritiva tem o objetivo de descrever fatos e fenômenos de uma determinada realidade, para a sua compreensão. Segundo Gil (2008, p.28) “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

O estudo de caso, como tipologia de pesquisa caracteriza-se, justamente por esse interesse em casos individuais, os quais podem ser os mais variados, tanto qualitativos como quantitativos. Yin (2010, p.24) afirma que

o estudo de caso permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, o desempenho escolar, e as relações internacionais. (YIN, 2010, p.24).

Neste sentido, o estudo de caso faz referência a uma análise de uma situação específica, investigando um fenômeno contemporâneo, neste caso a inclusão de estudantes Surdos, num curso de ensino superior.

O campo de pesquisa foi uma instituição de ensino superior privada, localizada no



interior de Pernambuco, especificamente o curso de graduação em Pedagogia.

As entrevistas, semiestruturadas, foram realizadas com três (3) estudantes Surdos, os quais designámos por: ES1<sup>4</sup>, ES2 e ES3. A entrevista é caracterizada como uma técnica importante “que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida” (RICHARDSON, 1999, p.207).

As entrevistas ocorreram na própria instituição de ensino superior, ao final das aulas. Foram gravadas e transcritas e o seu conteúdo foi submetido à análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2006, p.27) a análise de conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, sendo marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Para tal fez-se, em primeiro, uma leitura flutuante, para avaliar das possibilidades de análise e depois, de acordo com os enfoques teóricos sobre esta temática, os objetivos do nosso estudo e a nossa experiência de campo, como professora, dividimos o conteúdo em unidades de registro (proposições), agregando-as posteriormente em categorias e subcategorias, respeitando as características de coerência, homogeneidade, exclusividade e exaustividade. Este tipo de análise busca descrever e também interpretar os textos produzidos, através de procedimentos sistemáticos, com o objetivo de compreender o seu conteúdo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Buscamos aqui fazer a apresentação e a discussão dos resultados obtidos, tendo como base as respostas dos estudantes Surdos, às entrevistas realizadas. Relacionamos os dados empíricos com as informações teóricas, numa busca sistemática de compreensão e problematização da realidade acadêmica destes estudantes, inseridos no seu contexto de estudo. Começamos por inserir um quadro que documenta as falas dos estudantes Surdos e depois analisamos o seu conteúdo, comparando-o com outras investigações empíricas e dados resultantes de revisão bibliográfica.

QUADRO 1 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Categoria	Subcategoria	Estudante Surdo	Unidade de Registro
Perfil do entrevistado	Como pessoa e estudante	ES1	“Primeiro, eu não conhecia o curso de pedagogia.” “Primeiro eu vim junto com mamãe conhecer a faculdade.”
		ES2	“Amo estudar e sou calma.”

<sup>4</sup> Significa Estudante Surdo acompanhado da numeração 1, 2 e 3.

			“Gosto das pessoas educadas que me auxiliam.” “Tem alguns alunos que me perguntam se eu sou calma.” “Gosto dessa interação porque é normal começar na inclusão.” “Não tive muita ajuda de ninguém, saí lutando por intérprete.”
		ES3	“Bem, antes no ano de 2011, eu comecei a estudar no curso de pedagogia, eu senti vontade.”
	Idade	ES1	“32 anos”
		ES2	“33 anos”
		ES3	“31 anos”
	Curso que estuda	ES1	“Pedagogia e Letras Libras”
		ES2	“Pedagogia”
		ES3	“Pedagogia”
	Motivo da escolha do curso	ES1	“Eu sinto a necessidade de ensinar as crianças para o desenvolvimento delas.”
		ES2	“Eu escolhi o curso de pedagogia para ensinar as crianças.”
		ES3	“eu amo criança” “gosto de ensiná-las e é importante.”
	Tempo que estuda na Instituição de Ensino Superior	ES1	“Eu curso pedagogia há 4 anos.”
		ES2	“Já faz 4 anos.”
		ES3	“Há 4 anos.”

Entrevistas com estudantes Surdos 2015.

Os 3 (três) estudantes Surdos entrevistados estudam no 8º período do curso de pedagogia, estão no curso há quatro (4) anos, estudam juntos na mesma sala de aula. Os 3 (três) estudantes Surdos gostam do curso de pedagogia e escolheram o mesmo por almejar ensinar as crianças. A média de idade situa-se nos 32 anos, sendo esta também a média da idade dos estudantes ouvintes que frequentam o curso de pedagogia.

Fica evidente, nas falas dos estudantes Surdos, o esforço em procurar uma instituição de ensino superior, a vontade de querer estudar e de participar do processo de inclusão. Porém, é necessário ressaltar a importância também do acompanhamento da família, como menciona o ES1, que teve o apoio da mãe para se informar sobre o curso de pedagogia e assim estudar. Para conseguir o intérprete de LIBRAS pela IES foi um desafio, houve dificuldade e a mãe de ES1 também participou desse processo, ressaltamos também a determinação de ES2 quando afirma: “Não tive muita ajuda de ninguém, saí lutando por intérprete”.

Nesta direção, a presença dos estudantes Surdos na instituição de ensino superior vai

de encontro ao pensamento de Bisol, Valentini, Simioni e Zachin (2010, p.148) apontando que esta presença é recente e acontece por conta de alguns fatores que são:

O reconhecimento, a partir de meados da década de 1990, do status de língua para a língua de sinais; o desenvolvimento de propostas de educação bilíngue de qualidade para surdos; e um momento histórico no qual políticas públicas de inclusão vêm aos poucos aumentando o acesso e a participação ativa de pessoas com necessidades especiais em diferentes contextos sociais.

Assim sendo, esta procura por parte dos estudantes Surdos pelo ensino superior, reflete-se nas instituições de ensino podendo fazer com que busquem promover a inclusão.

Considerando que a comunicação é um fator relevante no processo de inclusão e de aprendizagem, questionamos os estudantes Surdos sobre o processo comunicativo. As informações estão contidas no quadro a seguir:

QUADRO 2 - COMUNICAÇÃO

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Estudante Surdo</b>	<b>Unidade de registro</b>
Comunicação	Idade em que aprendeu LIBRAS e onde	ES1	“Eu aprendi LIBRAS com 10 anos.” “comecei a frequentar um grupo de surdos onde lá comecei a observá-los e comecei a interagir e aprender aos poucos a língua de sinais.”
		ES2	“Eu aprendi em Nazaré da Mata e já tinha 20 anos mais ou menos.”
		ES3	“comecei a frequentar o CREFAS – Centro de Formação de LIBRAS para crianças e adultos. Eu vim reconhecer a LIBRAS aos 2 anos de idade.”
	Utilização da LIBRAS na comunicação com os professores	ES1	“Eu? Ainda não.” “Aqui o professor não liga muito com o aluno, apenas o que entendemos realizamos as atividades e repassamos para ele.”
		ES2	“Mais ou menos, uso mais gestos.”
		ES3	“Sim, sim com a ajuda do intérprete.”
	Comunicação dos estudantes surdos com os professores	ES1	“Bom, eu consigo me comunicar com ele, mas quando a comunicação dele vem até a mim há uma barreira, precisa chamar o intérprete, aí sim a comunicação acontece.”
		ES2	“Através de gestos, às vezes LIBRAS ou então mostro as atividades a eles.” “Através de gestos, de bilhetes, com a ajuda do intérprete.”
		ES3	“Eu sempre senti vergonha de chegar perto, de fazer perguntas, sempre chamo o intérprete.” “Por gestos, pela escrita e até mesmo com o suporte do intérprete.”

Entrevistas com estudantes Surdos 2015.

Os resultados para esta categoria apresentam que os 3 (três) estudantes Surdos

aprenderam LIBRAS com idades bem distintas. Estes estudantes não utilizam a LIBRAS para se comunicar com os professores porque estes não têm o conhecimento da mesma. Os estudantes Surdos se comunicam com os professores para perguntar algo sobre o assunto, tirar dúvidas, porém a maioria se comunica através do intérprete de LIBRAS.

Constatamos que os Surdos entrevistados conhecem a LIBRAS, que é a sua primeira língua. De acordo com a lei nº10. 436 de 2002 é “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas no Brasil.”

A comunicação dos estudantes Surdos não acontece de forma eficaz, por meio da LIBRAS, há uma barreira nessa comunicação, gerando assim uma timidez por parte do estudante Surdo. Este resultado corrobora o que afirma Cruz (2007), ao constatar em sua pesquisa que a dificuldade maior é que a universidade se encontra organizada para os ouvintes, não havendo a contemplação da LIBRAS.

É perceptível, na opinião dos estudantes Surdos, a importância da mediação do intérprete no processo de comunicação com o professor, pois este desconhece a LIBRAS. Silva e Oliveira (2014, p. 184) destacam que o profissional intérprete “atua como mediador entre o professor e o aluno, fazendo a interpretação dos conteúdos trabalhados pelo professor para a linguagem de sinais”. A presença deste profissional se faz necessária em sala de aula para mediar a comunicação, conforme relataram os estudantes Surdos.

Considerando que a participação dos estudantes Surdos contribui para o seu processo de inclusão, na IES, indagamos os participantes da pesquisa sobre suas participações nas aulas e nas atividades em grupos. Neste contexto, apresentamos o quadro com as seguintes informações:

QUADRO 3 - PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES SURDOS EM SALA DE AULA

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Estudante Surdo</b>	<b>Unidade de Registro</b>
Participação dos estudantes Surdos	Nas aulas dos professores	ES1	“Eu sempre venho à faculdade, participo fazendo as atividades, também bastante slides.”
		ES2	“Eu sempre participo fazendo as atividades, fazendo slides.”
		ES3	“Às vezes sim, às vezes não. Procuro o intérprete, às vezes ele não está. O professor não sabe se comunicar.”

Na construção dos trabalhos em grupos	ES1	<p>“Bem, quando há divisão de trabalho eu fico só, não chamo ninguém.”</p> <p>“logo em seguida os próprios ouvintes começam a se aproximar, então se formam os grupos”.</p> <p>“gosto de organizar o grupo, fazer slides, mostrar sugestões, perguntar se está certo, o português.”</p>
	ES2	<p>“Reunimo-nos em grupo.”</p> <p>“Para me comunicar nos grupos faço uso de gestos”</p> <p>“ainda não há uma evolução com a comunicação em relação a LIBRAS, é difícil.”</p>
	ES3	<p>“Os grupos de ouvintes são formados, mas não me sinto a vontade de estar lá, eles só falam e eu não entendo.” “Então o intérprete vem me explicar e então dou opinião e ele repassa para o grupo.”</p>

Entrevistas com estudantes Surdos 2015.

Nesta categoria, observamos que os estudantes Surdos participam das aulas dos professores e realizam as atividades. Os estudantes Surdos participam dos trabalhos em grupos, porém 1 (um) não gosta de estar nos grupos com os ouvintes, e a maioria tem dificuldade para se comunicar com os colegas. Sobre participação Faundes (1993) e Bordenave (1994), destacam que esta precisa ser entendida enquanto competência a ser aprendida e aprofundada, por meio da prática e da reflexão. O ambiente para que essa participação aconteça em sua plenitude é a instituição escolar.

É evidente nas falas dos estudantes Surdos a dificuldade de comunicação também nos grupos com os colegas ouvintes, embora os Surdos gostem de realizar as atividades e o trabalho coletivo. Existe uma barreira para que a comunicação aconteça, sendo necessária sempre a mediação do intérprete de LIBRAS.

Questionamos os estudantes Surdos sobre o processo de inclusão, ponto chave deste estudo. Deste modo, perguntamos o que cada um entende por inclusão (conceito), a inclusão no ensino superior, as contribuições da IES para que este processo aconteça, as ações que precisariam ser melhoradas e a inclusão no curso de Pedagogia. Os dados coletados se encontram no quadro a seguir:

QUADRO 4 - INCLUSÃO

Categoria	Subcategoria	Estudante Surdo	Unidade de Registro
Inclusão	Conceito	ES1	<p>“O que entendo sobre inclusão é que antigamente não existia, não havia intérprete”.</p> <p>“nos interiores ninguém sabia o que era. Não havia um conhecimento”.</p> <p>“Não conhecia o decreto que fala sobre inclusão.”</p>

			<p>“Hoje já conhecemos, já entendemos, mas há uma inclusão mais ou menos, precisa-se de mais elaboração.”</p> <p>“Chegou o decreto porque veio do governo e a presidente aceitou.”</p> <p>“Eu preferia a sala só com alunos especiais”</p> <p>“eu estudei em sala especial”</p> <p>“mas depois chegou a inclusão e acabaram as salas especiais.”</p>
		ES2	<p>“Bom, antes não tinha na sala de aula ouvintes e surdos e hoje já tem.”</p>
		ES3	<p>“Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo.”</p> <p>“Eu gosto mais de salas especiais em questão do aprendizado.”</p>
	Inclusão do estudante surdo, no ensino superior	ES1	<p>“sobre inclusão dos surdos na sala de aula é muito bom,”</p> <p>“apesar de que não havia inclusão, o surdo ficava sozinho junto com ouvinte, não aprendia muito”.</p> <p>“Depois chegou o intérprete e ajuda a trocar informações.”</p> <p>“Hoje há uma troca de experiência com os ouvintes.”</p> <p>“Aqui na faculdade há mais ou menos inclusão.”</p> <p>“hoje os alunos conseguem formar grupos com os surdos com a ajuda do intérprete.”</p>
		ES2	<p>“Significa um estudo mais aprofundado.”</p> <p>“Eu penso que em sala de aula é difícil, precisa ter paciência.”</p>
		ES3	<p>“Para mim significa tanto o surdo quanto o ouvinte está no mesmo grau de estudo.”</p> <p>“Igual, o ouvinte e o surdo evoluindo junto.”</p>
	Contribuição da instituição de ensino superior	ES1	<p>“Em parte.”</p> <p>“A inclusão surgiu no curso de pedagogia através dos alunos surdos, do intérprete.”</p> <p>“aqui as pessoas sabem que tem estudantes surdos.”</p>
		ES2	<p>“aqui na faculdade é bom porque chegou o intérprete.”</p>
		ES3	<p>“Sim. Porque há uma troca de experiência, uma parceria.”</p>
	Ações que precisam ser realizadas ou melhoradas	ES1	<p>“Bom, eu percebo que precisa mais comunicação entre os alunos e professores.”</p> <p>“precisa ser mais firme, falta organização para melhorar.”</p>
		ES2	<p>“Os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar conosco.”</p>
		ES3	<p>“Os surdos precisam divulgar, chamar a atenção.”</p> <p>“falar que há inclusão, há uma ligação com o intérprete.”</p>
	A inclusão do estudante surdo, no curso de pedagogia	ES1	<p>“Em parte. Porque aqui tem surdos que precisam estudar.”</p> <p>“tem o intérprete que ajuda na comunicação. Mas, antes não havia, teve muita confusão até chegar um intérprete.”</p>
		ES2	<p>“Sim. Porque há uma ajuda de parceria entre o professor e o intérprete.”</p> <p>“também por conta do perfil da universidade.”</p>
		ES3	<p>“Sim. Aqui tem inclusão.”</p> <p>“É importante o surdo na universidade.”</p>

Entrevistas com estudantes Surdos 2015.

Os resultados para esta categoria mostram que os 3 (três) estudantes Surdos conhecem

o conceito de inclusão, mas ES1 e ES3 preferem as salas especiais. A inclusão do estudante Surdo no ensino superior, de acordo com as percepções dos estudantes entrevistados, significa a interação do estudante Surdo e ouvinte para aprender, os dois evoluindo juntos. Sobre a educação inclusiva, Sanches ressalta que:

A mudança geradora de uma educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação de hoje porque imputa à escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos seus públicos, numa perspectiva de sucesso de todos e de cada um, independentemente da sua cor, raça, cultura, religião, deficiência mental, psicológica ou física. (SANCHES, 2005, 128).

Deste modo, para que a inclusão dos Surdos pudesse acontecer seria necessária a consideração das diferenças.

No que se refere à contribuição da IES para a inclusão, 2 (dois) estudantes afirmam que esta contribui e 1 (um) afirma que a IES contribui em parte. Quanto às ações a serem melhoradas ou realizadas, os estudantes Surdos ressaltam que os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar. Sobre a inclusão do estudante Surdo no curso de pedagogia 2 (dois) afirmam que se sentem incluídos.

Constatamos que as percepções dos estudantes Surdos, relativas ao seu processo de inclusão e a sua aquisição de saberes mostram que ainda há dificuldades. Nesta direção, os estudantes Surdos que foram entrevistados compreendem que a inclusão precisa acontecer, sendo necessária a interação com os colegas ouvintes e com o professor, porém há falhas na comunicação, afetando o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com as percepções dos estudantes Surdos, os professores precisam aprender a LIBRAS para utilizar na comunicação e nas aulas e também abordar os conteúdos de maneira dinâmica de modo a conquistar a atenção dos estudantes Surdos e ouvintes.

## **CONCLUSÕES**

Os Surdos têm sido impossibilitados de serem os protagonistas do processo educacional, pois a sua diferença, enquanto Surdo, nem a cultura Surda são consideradas. A cultura ouvinte predomina no espaço universitário, inferiorizando a cultura Surda e com isso existem as práticas de exclusão.

Sobre a inclusão, verificamos que a maioria dos estudantes Surdos compreende o processo de inclusão e que é preciso lutar para promovê-la. Porém, os mesmos não se sentem

totalmente incluídos na sala de aula. A maioria dos estudantes Surdos preferem as salas especiais por afirmarem que o aprendizado é melhor (dois estudantes), mas destacam pontos positivos em relação à inclusão. Referindo-se à contribuição da instituição de ensino superior para a inclusão dos estudantes Surdos, a maioria dos participantes afirma que a IES contribui por conta do intérprete de LIBRAS. Referindo-se às ações que precisam ser realizadas ou melhoradas por parte dos professores, os estudantes Surdos apontam que os professores precisam aprender LIBRAS para se comunicar.

Neste sentido, os dados da pesquisa revelaram que a comunicação em LIBRAS acontece, principalmente por meio da atuação do intérprete de LIBRAS, que medeia esse processo. Existem muitas dificuldades a serem superadas, como a falta de comunicação entre professores e estudantes Surdos, utilização de estratégias que favoreçam a aprendizagem dos estudantes Surdos e formação de professores. Para que a inclusão aconteça na IES pesquisada, se faz necessário colocar em evidência a cultura Surda, valorizar as diferenças e as identidades Surdas. A inclusão, numa perspectiva de direito a ser respeitado na sua diferença e o dever de respeitar a diferença do outro (Sanches, 2011) é um valor maior da nossa sociedade e, por isso, o processo só tem de ser melhorado, nunca substituído por outro que conduza ao isolamento de grupos, sejam eles quais forem.

## REFERÊNCIAS

ANSAY, Noemy Nascimento. **A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior.** Curitiba, 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70 Ltda, 2006.

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é participação.** São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros passos, 95).

BISOL, Cláudia Alquato [et.al]. **Estudantes surdos no ensino superior:** reflexões sobre a inclusão. Caderno de pesquisa v. 40, nº 139, p. 147-172, jan / abr. 2010. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/v40n139/v40n139a08.pdf](http://www.scielo.br/pdf/v40n139/v40n139a08.pdf). Acesso em: 05 ago. 2017.

BRASIL. Lei 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) Acesso em: 30 jul. 2017.

CRUZ, José Ildon Gonçalves da. **Consolidação de uma trajetória escolar:** o olhar do surdo universitário sobre o ensino superior. Ribeirão Preto, 2007. 179 f. Dissertação (Mestrado em

educação) - Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto.

DAROQUE, Samantha Camargo. **Alunos surdos no ensino superior: uma discussão necessária.** Piracicaba, 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba.

FAUNDES, Antonio. **O poder da participação.** São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção questões da nossa época, v.18).

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. O direito à diferença na igualdade de direitos. In: MANTOAN, Teresa Égler. **O desafio das diferenças nas escolas.** 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.17-27.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: atlas, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

SANCHES, Isabel Rodrigues. Do aprender para fazer ao aprender fazendo: as práticas de Educação inclusiva na escola. **Revista Lusófona de Educação.** Lisboa, n. 19, p. 135- 156, 2011.

SANCHES, Isabel Rodrigues. Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação. **Revista lusófona de Educação,** 2005, 5, 127-142. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1015/835> Acesso em: 06 ago. 2017.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em educação: problematizando a normalidade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2013.

SILVA, Kely Cristiane; OLIVEIRA, Adil Antonio Alves de. **O papel do intérprete de libras no processo de aprendizagem do aluno surdo nos anos iniciais do ensino fundamental.** Disponível em: [sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/1494/1101](http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/1494/1101) / Acesso em: 12 ago. 2017.

STAKE, Robert. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam.** Porto Alegre: Penso, 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso, planejamento e métodos.** 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.